

21 JAN 2003

Economia - Brasil

BRASÍLIA-DF

A IMINÊNCIA DA GUERRA CONTRA O IRAQUE E A CRISE NA VENEZUELA AMEAÇAM OS PLANOS DO GOVERNO LULA



POR
ARLETE SALVADOR

arletes@correioweb.com.br

Inimigos externos

Na política interna, o governo Lula saiu-se muito bem. Apesar do desgaste da interferência na decisão do PMDB para a escolha do candidato a presidente do Senado, o PT fechará a composição das duas mesas do Congresso à sua luz e semelhança. Terá aliados na direção de ambas. Vários encontros esta semana buscarão selar o acordo que deve fazer da eleição para as presidências da Câmara e do Senado apenas um processo de homologação. É no plano da política internacional que vêm os sinais mais preocupantes de ameaça ao novo governo.

A possibilidade de uma guerra contra o Iraque, cada vez mais próxima, representa quase um peso para o governo Lula, pelas consequências econômicas que trará. Um conflito armado no Oriente Médio, com certeza, afetará a produção mundial de petróleo, fazendo os preços do produto subirem no mercado internacional. E no Brasil também, apesar de a Petrobras produzir a maior parte do petróleo de que o país precisa.

A Petrobras adota política de preços internos que acompanha o mercado mundial. Se o preço do barril de óleo sobe lá fora, os combustíveis ficam mais caros aqui também. E gasolina mais cara, já se sabe, significa mais inflação na vida brasileira. O governo Lula tem sido muito enfático ao garantir que não medirá esforços para controlar o aumento de preços. Na prática, isso significa manter as atuais taxas de juros.

A guerra no longínquo Iraque traz ainda mais problemas. A redução da produção de petróleo — e até a simples ameaça de que isso aconteça no futuro — pode provocar recessão mundial. As empresas tendem a diminuir o ritmo das atividades, temendo prejuízos com a falta de combustível. Assim, compram menos matéria-prima. O Brasil, que precisa desesperadamente aumentar as exportações, pode ser uma vítima da situação. Com os parceiros comerciais em ritmo comercial lento, terá mais dificuldades para exportar e conseguir os dólares de que precisa para ajustar as contas externas.

“O cenário internacional poderá comprometer toda a perspectiva de retomada do crescimento econômico brasileiro”, afirma Ricardo Caldas, professor de ciências políticas da Universidade de Brasília. Segundo ele, um conflito no Oriente Médio neste momento será muito diferente da Guerra do Golfo, em 1990. Agora, não há consenso mundial sobre a conveniência da guerra e as suas consequências serão duradouras. “Em 1990, a guerra foi rápida do ponto de vista militar e econômico”, diz Ricardo Caldas. “O mundo se recuperou logo, o que não acontecerá desta vez.”

O conflito no Oriente Médio agrava outra crise mais próxima, a da Venezuela. O país é um dos maiores produtores de petróleo do mundo, mas enfrenta uma greve que paralisa as atividades econômicas há pelo menos 40 dias. Duas crises simultâneas em áreas de alto interesse comercial aumentam a insegurança internacional. Esse cenário exigirá solução mais rápida para a Venezuela, como forma de regularizar a produção de petróleo por lá e assegurar a estabilidade na região. “O Brasil optou por participar da crise na Venezuela, tentando articular uma saída pacífica e negociada. Difícil é saber se ainda existe solução negociada à vista.”

O governo Lula se preparou para fazer deste o seu ano decisivo, confiante de que, no segundo semestre, já haveria sinais de ligeira recuperação econômica. Se isso não acontecer, algumas reformas prometidas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva irão se tornar questão de vida ou morte, como a da Previdência Social. É que se não houver dinheiro entrando, por meio da atividade econômica e da exportação, o governo terá de cortar por dentro — ou seja, terá de reduzir ainda mais as despesas — para manter de pé os compromissos de investimento na área social. Essa perspectiva não combina com um governo com a marca da popularidade.

